

## *Prefácio*

As Multifaces de José Pedretti Neto — certamente seria o sub-título mais apropriado para o póstico desta publicação, “Minha Terra, minha gente”, que reúne os trabalhos literários de quem laborou no jornalismo e, por extensão, desta atividade ou mesmo como integrante dela, escreveu reportagens, crônicas sociais e históricas, poemas e sonetos, fez traduções, proferiu conferências e, ainda, se dedicou à atividade que lhe marcou a vida — a de professor e educador.

Esta última, por certo, deixaria sinalizado seu nome em um dos mais importantes estabelecimentos de ensino de Botucatu, o que realmente representa rara distinção em uma cidade cujo apanágio é o de ter por conquista própria, através dos anos, o título de boas escolas, além do com clima, este por dádiva da natureza.

Principiando por seguir, na abertura da “picada”, as marcas abertas na mata por seu pai o jornalista italiano Nello Pedretti, ao depois, as trilhas batidas de Pedro Chiaradia, mestre do jornalismo local e, Sebastião de Almeida Pinto, naquele “nicho ateniense” que foi durante, muitos anos, a redação da “Folha de Botucatu”, responsável pelo estímulo aos jovens Luiz Carlos de Moura Campos, Djalma Grohmann, Beraldo Bandeira, os irmãos Minicucci, Hernani Donato, Osmar Delmanto, Vanice Andrade Camargo e de quem escreve estas linhas — Pedretti Neto passaria, da senda jornalística, aos demais gêneros citados, firmando-se e destacando-se como uma das vocações mais profícuas daquele grupo, onde se reuniam alguns nomes, como o de Hernani Donato, hoje unanimidade nacional no campo da historiografia.

As crônicas do Autor nasceram de inspiração regional e são hoje dados essenciais para o conhecimento de aspectos da vida cidadina e do social humano, coetâneos do Autor. E elas se somam e compõem a messe opulenta de escritos sobre a região, não de forma ufano-saudosista — mas com os critérios de

investigação e de valor literário, sociológico e analítico de raízes, aumentando a lista dos que antes também deixaram nesse gênero suas marcas: Levy de Almeida, Sebastião de Almeida Pinto, Aquiles de Almeida, Astrogildo César, Genaro Lobo, Aloízio de Almeida, Hugo Pires, entre outros.

Entre tantos, não se deixará de nomear dois nomes que se inspiraram nas gentes e na tradição regional e tiveram projeção nacional: Maria José Dupré e Ibiapava Martins e, os que serão sempre reverenciados na saga indianista: os irmão Villas-Boas.

Diríamos que, nas crônicas, a marca do Autor é a de lembranças, que se tornam hoje História. E assim não temos dúvida em afirmar que, sem este volume, que hora se publica, será difícil escrever-se uma boa parte da História desta região, o que se confirma pela simples leitura do Sumário da Publicação, onde acontecimentos, feitos, datas, são interpretados à luz de documentos e de sua visão pessoal.

No que concerne à poética e deixamos esta faceta para conclusão destas linhas, é a meu ver a mais destacada de sua produção e responsável pela notoriedade que lhe dá ao nome. Nela está presente a concepção de que fazer o verso, independente de escola literária é buscar, um momento estético além de instrumento de expressar a condição humana.

Companheiro de alguns de seus anos, na juventude, sentimos em seus poemas e nos belos sonetos que produziu, a marca do artista preocupado não só com o ufanismo lírico da adolescência mas já, com formas artísticas, trato da língua, fundo e forma, ao enfrentar temas de profundos e os dos sentimentos: o amor, as belezas da vida, as amizades, todas capazes de recordar, comover, exaltar, sublimar. Assim muitos de seus poemas e sonetos não de permanecer. Dois deles hei de destacar “*Sonho Íntimo*” e “*Róseas Coluna*” — o primeiro um dos mais belos, o último por ter sido o primeiro leitor a saboreá-lo, logo que saiu quentinho do seu rascunho. E, também, por saber-lhe a musa inspiradora!

Sua poética, há que se convir, reflete o dia a dia da condição humana, filtrada pela lírica de um coração doce, amigo dos amigos, de gestos mansos e, sobretudo, de atitudes compreensivas em relação aos jovens, nunca se esquecendo de que sua vocação era a de ensinar e sua postura a de bom esposo e bom pai, esse o Pedretti inesquecível para os que tiveram o privilégio de conhece-lo e admira-lo.

Foi importante para se lembrar a figura desse ilustre botucatuense, para as novas gerações, a homenagem que lhe foi prestada ***pelo Convivium — Espaço Cultural*** por ocasião do Trigesimo Segundo aniversário de sua morte, pela entrega simbólica feita à sua esposa e filhos da estatueta da **Flor Roxa**, destinada a homenagem que projetaram o nome de nossa cidade além fronteira. Laurentina Peres Pedretti, sua esposa, na ocasião, traçou-lhe aspectos de vida e obra em breve agradecimento, que se insere neste volume. E, também, muito feliz sua iniciativa e dos filhos em dar a lume este livro que, certamente, brilhará, já que as palavras impressas não voam mas, para sempre, permanecem. E, assim, o volume ficará entre os “clássico” da História botucatuense, pois poucas cidades têm o privilégio de ter matéria para inspirar livros e autores como “*No Velho Botucatu*” — de Tião Pinto, “*Achegas*” — de Donato, “*Os Bruxos do Morro Maldito*” — de Agostinho Minicucci, “*Memórias de Botucatu e Peabiru*” — de Armando Delmanto, “*Histórias de José Gomes Pinheiro*” — de Paulo Ciaccia e Olavo Godoy, “*Botucatu de Antigamente*” — de Trajano Pupo.

Francisco Marins